

**DIVERTIMENTOS PAULISTANOS (1828-1867) <sup>1</sup>****Recebido em:** 19/10/2018**Aceito em:** 18/07/2019

*Flávia da Cruz Santos*  
Universidade Federal de Juiz de Fora  
Juiz de Fora – MG – Brasil

**RESUMO:** Esse estudo analisa os divertimentos na dinâmica da cidade de São Paulo do século XIX, com o objetivo de melhor compreendê-los. Dedicase especificamente a práticas de divertimento que tiveram destaque, devido à frequência com que apareceram nos jornais, entre 1828 e 1867. Esses divertimentos são a leitura, os jogos e brincadeiras, os bailes e o teatro. O recorte temporal foi determinado pelas alterações na dinâmica da cidade, que repercutiram mais marcadamente sobre os divertimentos. A inauguração da Faculdade de Direito é o marco inicial, e a chegada da ferrovia o marco final. As fontes são os periódicos e a literatura produzida por viajantes estrangeiros que estiveram na capital paulista no período.

**PALAVRAS CHAVE:** Divertimentos. São Paulo. Século XIX.

**THE AMUSEMENTS FROM SÃO PAULO CITY (1828-1867)**

**ABSTRACT:** This study analyzes the amusements in the dynamics of the city of São Paulo of the nineteenth century, with the aim of better understanding them. It is dedicated specifically to amusements practices that were prominent, due to the frequency with which they appeared in newspapers between 1828 and 1867. These amusements are the reading, the games and jokinings, the balls and the theater. The time frame was determined by changes in the dynamics of the city, which had a greater impact on the amusements. The inauguration of the Faculty of Law is the initial mark, and the arrival of the railroad is the final marl. The sources are the periodicals, and the literature produced by foreign travelers who were in the city in the period.

**KEYWORDS:** Amusements. São Paulo. 19<sup>th</sup> century.

**Introdução**

Tanto a bibliografia que tem a São Paulo do século XIX como tema e que trata, de algum modo, dos divertimentos (AZEVEDO, 2000; ARAÚJO, 1981; BRUNO,

---

<sup>1</sup> Esse artigo é fruto de minha tese de doutorado, financiada pela Capes.

1954; TOLEDO, 2003; DIAS, 1995), quanto fontes como os relatos de viajantes (RUGENDAS, 1972; SAINT-HILAIRE, 1976; MAWE, 1978; ZALUAR, 1863), a literatura (AZEVEDO, 1988) e as cartas de Álvares de Azevedo (AZEVEDO, 1976) afirmam que os divertimentos eram raros na cidade.

Os relatos dos viajantes dizem respeito à primeira metade do século XIX, e na bibliografia não há nenhum trabalho especificamente sobre os divertimentos da capital paulista nesse período. O que há são trabalhos sobre o cotidiano da cidade, que incluem os divertimentos, e esses trabalhos estão concentrados no quartel final do século XIX e na transição desse século, com raras exceções.

Outra questão a ser considerada é o olhar de fora, tanto dos viajantes estrangeiros, quanto de Álvares de Azevedo. Paulistano de nascimento, e carioca de criação, ele voltou à sua cidade natal em 1848 para cursar Direito<sup>2</sup>. Passou todo o tempo que viveu em São Paulo se lamuriando da cidade, de sua falta de divertimentos, e sentindo saudades do Rio. É um importante nome da dramaturgia e da poesia brasileiras do século XIX.

Não é que São Paulo não possuísse divertimentos, como disseram eles, é que quando comparada ao Rio de Janeiro ou a cidades europeias, realmente São Paulo era reduzida a uma tediosa capital. Até mesmo o Rio de Janeiro foi tido como uma cidade provinciana, devido aos seus poucos divertimentos, quando comparada às cidades inglesas (MELO, 2010, p. 51).

Álvares de Azevedo evidencia tal comparação já na primeira carta que enviou à sua mãe, em 30 de agosto de 1844, quando de sua primeira permanência em São Paulo: “Segunda-feira fui a um baile dado pelo Sr. Souza Queiroz. Todas as salas estavam com

---

<sup>2</sup> Antes disso, em 1845, permaneceu cinco meses em São Paulo. Durante esse tempo, também reclamava da cidade.

lustre, o ar embalsamado de mil cheiros tanto de flores como de essências, mas contudo São Paulo nunca será como o Rio.” (AZEVEDO, 1976, p. 35).

Em 1849, essa comparação explícita aparece novamente em carta que o poeta enviou à sua mãe em 12 de junho, quando cursava o segundo ano de Direito em São Paulo e tinha, então, 17 anos de idade:

Enquanto no Rio reluzem esses bailes a *mil e uma noites*, com toda a sua magia de fulgências e luzes, por aqui arrasta-se o narcótico e cínico baile da Concórdia Paulistana.

Nunca vi lugar tão insípido, como hoje está S. Paulo – nunca vi coisa mais tediosa e mais inspiradora de spleen – se fosse eu só que o pensasse, dir-se-ia que seria moléstia – mas todos pensam assim – A vida aqui é um bocejar infinito.

Nem há passeios que entretenham, nem bailes, nem sociedades – parece isto uma cidade de mortos – não há nem uma cara bonita em janelas, só rugosas caretas desdentadas – e o silêncio das ruas só é quebrado pelo ruído das bestas sapateando no *ladrilho* das ruas.

Esse silêncio convida mais ao sono que ao estudo – enlanguesce, e entorpece a imaginação e pode-se dizer que a vida aqui é um sono perpétuo.

Passam-se dias e dias sem que eu saia de casa – mas que hei de fazer? As calçadas não consentem que um par de calos – como os meus – possam andar vagando pelas ruas – Fico em casa, e contudo por isso não estudo mais do que quando no ano passado eu ia todas as noites conversar em alguma casa de família, ou num baile.

Estudo sempre, contudo – porém é como a martelo, é unicamente à força de vontade. (AZEVEDO, 1976, p. 110, grifos do original).

Portanto, ser considerada uma cidade sem opções de divertimento, tediosa, ou efervescente com múltiplas opções, dependia da referência adotada. A versão dos estudantes da Faculdade de Direito sobre a cidade, “formou uma imagem negativa da vida em São Paulo, transmitida em suas cartas e outros escritos” (CAMPOS, 2004, p. 257), para a qual contribuiu também as versões dos viajantes e a historiografia, que não criticou essas fontes.

No caso de Álvares de Azevedo, especificamente, essa sua visão da cidade talvez se deva ainda, a um estado de espírito a que ele se entregava eventualmente, coisa típica dos românticos da época. Pois mesmo quando estava na corte e participava dos divertimentos que lá havia, o tédio era o sentimento que se sobressaía.

Além disso, ficar em casa e se privar das sociabilidades e dos divertimentos era uma escolha do poeta, mesmo quando estava no Rio, onde o motivo não poderia ser outro, já que falta de opções de divertimento não poderia ser. Em carta escrita, quando passava férias na corte em 1850, ao amigo Luís Antônio da Silva Nunes, diz Álvares de Azevedo:

Ontem estive numa *soirée*. Nada aí, como sempre, me diverti. Quando o tédio vem de dentro, não é o sorrir dos bailes que possa adoça-lo. Quando a mágoa é funda e erma, quando o coração ressicou, não é o banho de fogo nem um olhar que possa revivê-lo.

O meu viver solitário, fechado só no meu quarto, o mais das vezes *lendo sem ler*, escrevendo sem ver o que escrevo, cismando sem saber o que cismo... (AZEVEDO, 1976, p. 147, 148, grifos do original).

Além do mais, o contraditório pode ser percebido nos escritos do poeta. Em todas as cartas que ele escreveu à sua mãe entre agosto de 1844 e fevereiro de 1845, primeiro período em que esteve em São Paulo, há referências a divertimentos de que participou: baile, jantar, passeio de domingo, chá em casa de amigos, procissão. Nas cartas da época de sua segunda permanência em São Paulo, também há referências constantes a divertimentos.

Nestas últimas, Álvares de Azevedo diz das apresentações da Filarmônica a que assistia, das procissões de que participava, dos bailes da *Concórdia Paulistana* que frequentava somente se seus pares de dança, as belas, ricas e aristocráticas moças

estivessem presentes, dos bailes particulares em casa de amigos e conhecidos, das *soirées*, festas, da caçada, do teatro, e do jantar de que tomou parte (AZEVEDO, 1976).

A historiografia clássica sobre a cidade nesse período, também dizia sempre de uma São Paulo oitocentista acanhada, feia, pobre, sem vida e estática, em que a população não crescia, o dinheiro não circulava, por que não existia, as mulheres eram reclusas, os divertimentos inexistentes, os hábitos incivilizados, a alimentação precária, assim como o comércio.

Enfim, a imagem é de uma cidade que não inspirava o desejo do historiador de estudá-la, e que pode ser parte da explicação para o fato de serem quase inexistentes os estudos que tenham como tema os divertimentos e sociabilidades na cidade em tal período. Não havia dissonâncias, era sempre a mesma compreensão da cidade, produzida a partir do estudo dos mesmos temas e das mesmas fontes. Algumas daquelas que são também as minhas fontes, os relatos de viajantes.

Desconfiei dessa visão da cidade não apenas intuitivamente, mas também baseada nas fontes que estava analisando. Além disso, julgava insuficientes as teses explicativas da construção da São Paulo que conhecemos, de sua riqueza material, cultural e do lugar por ela ocupado no cenário econômico.

E foi assim, num trabalho paralelo entre fontes e busca por bibliografia, que encontrei trabalhos que ao invés de ecoarem essa compreensão da cidade, dela duvidaram. Entre eles estão os trabalhos de Maria Lucília Viveiros Araújo, Maria Luiza Marcílio, Maria Odila Dias e Zélia Maria Cardoso de Mello. Fui assim, pouco a pouco, produzindo a visão de uma São Paulo instigante.

Ao ler os jornais paulistanos do século XIX, fui encontrando inúmeros anúncios, matérias, comentários sobre várias práticas de divertimento ocorridas na cidade. Dança,

teatro, passeios, festas, reuniões, leitura, jantares, circo, concertos, bandas de música, bailes, jogos, brincadeiras, carnaval, entrudo, enfim, eram muitos os divertimentos.

Em alguns momentos, os próprios paulistanos afirmavam que a cidade estava repleta de opções de divertimento. Em 1863, por exemplo, o *Correio Paulistano* publicou matéria intitulada “Divertimentos públicos” que afirma: “A nossa capital achase atualmente invadida por uma multidão de divertimentos: AlcazarLyrico, Companhia equestre e gymnastica, Caçador Paulistano e Teatro.”<sup>3</sup>

Deste modo, a análise dos jornais indica que a historiografia clássica sobre a capital paulista, os relatos de viajantes e a literatura precisam ser considerados com vagar, quando o assunto são os divertimentos da São Paulo do século XIX. Eles também dão indícios de que não apenas os divertimentos, mas toda a dinâmica da cidade nesse período precisa ser melhor compreendida.

Na tentativa de oferecer uma contribuição nessa direção, o objetivo desse estudo é discutir algumas das práticas de divertimento dos paulistanos que tiveram destaque, devido à frequência com que apareceram nos jornais, entre 1828 e 1867. Esses divertimentos são a leitura, os jogos e brincadeiras, os bailes e o teatro.

O ano inicial do recorte temporal é 1828, porque nenhum acontecimento, nem mesmo a Independência ou qualquer de suas consequências, foi tão importante para a cidade de São Paulo e seus divertimentos na primeira metade do século XIX, quanto à inauguração da Faculdade de Direito, em março deste ano<sup>4</sup>. Até então, a vida da cidade era pacata, com ruas vazias, comércio apenas de bens essenciais, vida intelectual modesta, divertimentos escassos.

---

<sup>3</sup> Correio Paulistano, 29 de julho de 1863, p. 3.

<sup>4</sup> Não ignoro, entretanto, que a criação dos cursos jurídicos no Brasil foi uma das consequências da Independência, pois ela tornou necessária a formação da futura elite política-intelectual brasileira no próprio país.

A partir do início do funcionamento do curso jurídico na cidade, esse quadro se modificou em grande medida. As ruas se tornaram mais movimentadas, assim como o comércio, que foi diversificado, vários jornais com duração mais larga do que a que teve o único jornal até então existente na cidade, começaram a ser publicados<sup>5</sup>, mais divertimentos passaram a ser promovidos, como a música, o teatro, os cafés, as livrarias, os bailes, os passeios, as festas, as reuniões, os jantares e as algazarras.

E a cidade passou a ser habitada, mais do que era até então, por homens<sup>6</sup> de vários lugares do país, que levavam seus hábitos e valores, diversos dos existentes na cidade que os acolhia, e que geraram conflitos e expectativas, desejos de outra cidade, que eles acabaram ajudando a construir. Em seus primeiros vinte e cinco anos de funcionamento, a Faculdade de Direito formou 138 bacharéis paulistas (da capital e do interior), e 405 bacharéis de outras províncias do país (BRUNO, 1954, p. 809).

A inauguração da Faculdade de Direito imprimiu uma nova dinâmica à cidade, que se tornou mais agitada e com mais oportunidades de sociabilidade, sejam públicas ou privadas. O marco final do recorte temporal é 1867, pois é em tal ano que esse ciclo da cidade é fechado, com a inauguração de sua primeira linha de trem, que a ligava ao litoral, a *São Paulo Railway*. A partir daí a face da cidade se modificou enormemente, se dinamizou e modernizou, tendo os trilhos da estrada de ferro como o primeiro símbolo desse processo, que exibia orgulhosamente.

O desenvolvimento da economia cafeeira acelerou-se, levando mais dinheiro para a cidade e fazendo-a se expandir em ritmo acelerado. As opções de divertimento diversificaram-se uma vez mais com as novidades levadas em maiores velocidade e

---

<sup>5</sup> Até então, tinha havido dois jornais na cidade. Um, manuscrito, instituído e extinto em 1823, com duração de aproximadamente três meses; e outro, impresso, fundado no mesmo ano da instalação da faculdade de Direito, 1827 e que foi publicado até 1831.

<sup>6</sup> Digo homens, porque não havia mulheres entre os alunos da Faculdade de Direito nesse momento. Somente em 1898 a Faculdade de Direito matriculou a sua primeira aluna.

volume pela ferrovia, que facilitou o acesso às novidades europeias, através da ligação da cidade ao porto de Santos. A dinâmica da cidade foi aí alterada, de forma brutal pelo binômio café-ferrovia.

Deste modo, o que proponho é um recorte temporal temático, que considera os recortes mais convencionais, mas que é determinado pela especificidade do objeto estudado, por marcos que repercutiram mais diretamente sobre os divertimentos dos paulistanos.

O *corpus documental* do estudo é constituído principalmente por periódicos impressos publicados na cidade de São Paulo, e pela literatura produzida por viajantes estrangeiros que estiveram na capital paulista no período em tela. Os jornais possuíam a função de mediar as relações entre a cultura oral e a cultura letrada no Brasil do século XIX (PINA, 2004), e em São Paulo, mais especificamente, eles possuíam uma importante função social. Os periódicos eram formadores e divulgadores de opinião, comunicadores de acontecimentos, anunciadores dos serviços existentes na cidade, e difusores de literatura.

Já os viajantes, produziram descrições escritas e imagéticas da cidade, de sua geografia, vegetação, fauna, clima, organização do espaço, costumes, “caráter de seus habitantes”, religiosidade, política. Quando o tema dos relatos são os costumes, as descrições vão dos hábitos alimentares, vestimentas, práticas religiosas aos divertimentos dos paulistanos.

Esses viajantes eram comerciantes, cientistas, artistas, missionários e seus relatos eram endereçados, na maioria das vezes, aos europeus. Assim, temos através dessas fontes o olhar do outro sobre São Paulo e seus habitantes. Olhar informado pelos



valores, concepções e pensamentos europeus, mas que ainda assim nos fornecem descrições mais próximas da realidade local paulistana (LARA, 1984).

## **Leitura**

Os paulistanos divertiam-se lendo diferentes gêneros textuais, prosa, poesia e textos jornalísticos, publicados em jornais e livros que circulavam por São Paulo. Em 1803, uma das lojas com maior estoque de livros da capital paulista possuía 844 volumes de 119 títulos diferentes. A primeira biblioteca oficialmente pública da capital foi fundada em 1825, e contava com acervo de 4.221 livros<sup>7</sup>.

Antes disso, no entanto, a biblioteca do convento dos franciscanos já estava à disposição do “proveito público”. E ainda no último quartel do século XVIII, o bispo de São Paulo, D. Fr. Manoel da Ressurreição, colocou sua biblioteca, com quase dois mil livros, à disposição, não de todos, mas do clero e de estudantes (ELLIS, 1957, p. 391). Segundo o viajante Daniel Kidder (2001, p. 217), em 1839, quando de sua estada em São Paulo, tal biblioteca já possuía sete mil livros.

Além das lojas que vendiam, dentre outras coisas, livros, e das bibliotecas, houve também, outra instituição que teve como fim proporcionar a leitura aos paulistanos. Trata-se da sociedade *Clube Paulistano*, que parece ter sido inaugurada em abril ou maio de 1867, e ter tido vida curta, oferecia a seus sócios as atividades de leitura, conversação e jogos. Reuniu, pelo menos por algum tempo e com regularidade, em um mesmo lugar, a casa de José Maria de Andrade, sobre o qual não consegui

---

<sup>7</sup> De acordo com o inventário de tal acervo, construído pelo primeiro bibliotecário de São Paulo, o padre José Antônio dos Reis, os assuntos de tais obras eram: Escritura Sagrada e Santos Padres; Liturgia; Teologia Natural Dogmática e Moral; Direito Canônico; Direito Natural e Civil; Teologia Mística; Sermonários; Filosofia, Matemática, História Natural e Física; Retórica e Poética; Geografia; Dicionários e Artigos das Línguas; História Universal e Particular e Miscelânea (ELLIS, 1957, p. 394).

informações, essas três possibilidades de divertimento<sup>8</sup>. Sua missão era “fornecer um passatempo aos seus sócios que o acham quer nos jogos, quer na leitura de jornais, quer na conversação.”<sup>9</sup>

Apesar dos altos índices de analfabetismo da população da capital paulista durante o século XIX<sup>10</sup>, havia aqueles que dedicavam seus momentos de diversão à leitura. Eram clérigos, profissionais liberais, funcionários do governo, artistas, estudantes, professores e negociantes. Enquanto o analfabetismo excluía da maior parte da população da capital essa possibilidade de divertimento, uma minoria letrada se dedicava prazerosamente à leitura e investia na compra de livros.

Os negociantes compunham esse grupo, eles possuíam grandes bibliotecas em suas casas. Um deles, ao morrer, deixou um acervo com 89 títulos diferentes, enquanto outro deixou 79 títulos em português, espanhol e francês. Maria Lucília Viveiros Araújo, encontrou livros na casa de doze comerciantes da capital, na primeira metade do século XIX (ARAÚJO, 2006, 2008).

Para os estudantes da Faculdade de Direito, os divertimentos que envolviam a leitura e a escrita chegaram a ser mais recorrentes do que outros tipos de divertimento a partir de 1860 (COSTA, 2012, p. 112). Grandes dinamizadores da cena cultural da capital, tanto os estudantes quanto os professores, foram responsáveis pelo desenvolvimento da imprensa em São Paulo. Agraciados pela feliz coincidência de a primeira tipografia da cidade ter sido inaugurada no mesmo ano da criação da

---

<sup>8</sup> A única referência dos jornais paulistanos ao *Clube Paulistano*, é feita em notícia sobre o seu funcionamento e a sua finalidade, na edição do dia 11 de maio de 1867 do *Correio Paulistano*. Não encontrei nada mais. Esse *Clube Paulistano* de que falo, não é o mesmo *Clube Atlético Paulistano* surgido em 1900.

<sup>9</sup> *Correio Paulistano*, 11 de maio de 1867, p. 1.

<sup>10</sup> Em 1836, o índice de alfabetização da população da capital paulista era de apenas 5%, e em 1872 de 30%, (MORSE, 1970, p. 215).

faculdade<sup>11</sup>, eles produziram diversos jornais impressos, seja como redatores, fundadores ou colaboradores.

A década de 1960 é tida como marcante nesse sentido, devido à efervescência cultural da comunidade acadêmica, pois proliferaram as associações literárias e demais agremiações (COSTA, 2012, p. 55). Heloísa de Faria Cruz (2004, p. 353) afirma que “A verdade é que durante grande parte do século XIX, o jornalismo e a vida intelectual e letrada paulistana permaneceriam centradas na Academia de Direito.”

A autora ainda informa que “As publicações literárias e científicas, da mesma forma que as folhas políticas, eram também, em sua maioria, elaboradas por acadêmicas do largo de São Francisco, e constituíam produtos característicos da imprensa do período.” (CRUZ, 2004, p. 355). *O amigo das letras*, primeira produção jornalística dos estudantes, data de 1830 e era dedicado à literatura. Depois vieram, os também literários, *Sociedade Filomática* (1833), *Ensaio Literários* (1847), *Revista Mensal do Ensaio Filosófico* (1851), *Ensaio Literários do Ateneu Paulistano* e *O Acayaba* (1852). Esses são apenas alguns jornais, daqueles que contaram com a participação mais decisiva dos membros da faculdade.

A produção artística da capital, poesia, prosa e dramaturgia, se não foi fundação dos estudantes, foi por eles engrossada e através deles ganhou notoriedade (COSTA, 2012; MORSE, 1970; AZEVEDO, 2000). Antônio Candido chegou mesmo a afirmar que “só há literatura em São Paulo depois da Independência, e notadamente depois da Faculdade de Direito”. Antes disso, o que houve, segundo o mesmo autor, foi a gestação

---

<sup>11</sup> A determinação da criação dos Cursos Jurídicos de São Paulo e de Olinda se deu em 1827, mesmo ano em que surgiu a primeira tipografia em São Paulo. Ambos esses fatos se deveram à Independência do Brasil, à autonomia, poderes e desejos do novo Estado que se gestava. Antes da chegada da tipografia, a capital possuiu um único jornal. Manuscrito intitulado *O Paulista*, produzido em 1823 por Antônio Mariano de Azevedo Marques, conhecido como Mestrinho. Era bissemanário, e durou apenas alguns meses, sendo extinto ainda em 1823 (TOLEDO, 2003, p. 314; OLIVEIRA, 2010, p. 295). Mestrinho continuou tendo participação importante na imprensa paulistana. Foi um dos redatores do primeiro jornal impresso da capital, *O Farol Paulistano*.

das condições necessárias à existência da literatura na capital, que produziu “manifestações literárias”, como os autos e poemas do padre José de Anchieta (CÂNDIDO, 2006, p. 147).

Ainda de acordo com Antônio Candido, “a criação da Faculdade de Direito, desempenharia papel decisivo na literatura em São Paulo”. A *Sociedade Filomática*, fundada em 1833 por alunos e professores da instituição, produziu uma revista e reuniões literárias. Foi um marco para a vida intelectual paulistana, estabelecendo na capital “a literatura como atividade permanente”, e se constituindo como mola propulsora para a literatura nacional, visto que a partir dela o indianismo teve uma de suas primeiras manifestações no país, com Firmino Rodrigues Silva<sup>12</sup> (CÂNDIDO, 2006, p. 154).

Deste modo, além de leitores, de consumidores de jornais e livros, os acadêmicos da Faculdade de Direito de São Paulo foram produtores desses materiais, especialmente de jornais. Eles acabaram por oferecer à comunidade letrada da capital paulista, mas não apenas a ela, pois os jornais circulavam também em outras cidades, novas opções de leitura. Esse quadro só vive mudanças a partir de 1870, quando os estudantes passaram a se dedicar mais aos trabalhos acadêmicos e às questões políticas<sup>13</sup>, e menos aos trabalhos literários (AZEVEDO, 2000, p. 179).

A leitura era um divertimento valorizado pelos paulistanos, tido como agradável passatempo, e quem se divertia lendo era tido como instruído. Os jornais possuíam uma

---

<sup>12</sup> Indianismo foi uma tendência literária do romantismo. O poema *Nênia à morte do meu bom amigo o Dr. Francisco Bernardino Ribeiro*, do autor citado, é considerado o marco inicial da “escola brasileira” (CÂNDIDO, 2006, p. 155). Ele, Firmino Rodrigues Silva, foi estudante da Faculdade de Direito, e um dos primeiros frutos da Sociedade Filomática. Francisco Bernardino Ribeiro, a quem o poema foi dedicado, era professor da Faculdade e orientador de Firmino. O poema foi escrito quando da morte do professor, para homenageá-lo.

<sup>13</sup> Temas como a república e a abolição da escravatura passaram a estar no escopo dos estudantes (COSTA, 2012, p. 55). Esse último tema os mobilizava especialmente, como demonstra Cristina Yokaichiya (2008).

seção destinada especificamente aos divertimentos. O *Folhetim* abordava amenidades, temas engraçados, anunciava os divertimentos da cidade e os analisava, através de artigos de crítica e crônica, e também publicava literatura, seja prosa ou poesia. Livros inteiros eram publicados nos folhetins, e também nas seções *Variedades* ou *Literatura*, parte por parte, a cada número de jornal.

### **Jogos e Brincadeiras**

Os jogos e as brincadeiras também foram dessas atividades que divertiam os paulistanos. Sob o título de jogo, estavam os jogos de cartas e de bilhar<sup>14</sup>, dominó, xadrez, dama<sup>15</sup>, críquete<sup>16</sup>—esporte ainda em gestação na cidade—, o jogo de parelhas<sup>17</sup>, que eram as corridas de cavalos, e também o arremesso de lanças<sup>18</sup> ou de laranjas<sup>19</sup>, além do jogo d'água, praticado no entrudo.

Todas essas práticas, exceto o jogo d'água, estiveram sempre, em suas aparições nos jornais, ligadas aos adultos, eram eles que jogavam, e o desejo era que eles fossem mesmo os únicos a se divertirem jogando. Qualquer notícia de que as crianças, por ventura, estivessem envolvidas com essas atividades, eram repletas de críticas e censuras. O jogo não era para elas, ao menos não esses jogos.

Quando o tema eram os jogos, os jornais não se dirigiam de forma explícita aos homens ou às mulheres, assim, não foi possível saber quem jogava. No entanto, ao trabalhar com processos de divórcio, Alzira Campos afirma que “As mulheres não estavam infensas ao hábito de jogar. Em menor número, é certo, a documentação

---

<sup>14</sup> Diário de São Paulo, 24 de agosto de 1865, p. 3.

<sup>15</sup> Correio Paulistano, 27 de agosto de 1867, p. 3.

<sup>16</sup> Correio Paulistano, 6 de setembro de 1864, p. 2.

<sup>17</sup> Correio Paulistano, 14 de agosto de 1864, p. 3.

<sup>18</sup> Correio Paulistano, 12 de março de 1862, p. 3.

<sup>19</sup> Correio Paulistano, 5 de julho de 1862, p. 1.

registra mulheres jogadoras”. Estas, no entanto, eram taxadas de mulheres “de má vida”, ao acompanharem os homens em tal divertimento (CAMPOS, 2004, pp. 266 e 267, respectivamente).

Já as brincadeiras, não eram necessariamente atividades, mas na maior parte das vezes eram certa intenção, um sentido, uma forma de fazer ou de falar. Atividades mesmo, foram apenas cinco. A cabra-cega<sup>20</sup>, brincadeira ainda atual, as rodas de fogo, cuja dinâmica não consegui identificar, e o boizinho, que consistia em alguém se vestir de boi, e se pôr a dançar e a tentar chifrar as pessoas que estavam em volta a gritar e atirar o boi<sup>21</sup>. Essas três atividades foram praticadas por adultos. Já as brincadeiras de pião<sup>22</sup>, e de imitar a guerra, simulando as batalhas, foram desenvolvidas por crianças<sup>23</sup>, essa última desenvolvida no contexto da Guerra do Paraguai.

Mas na maior parte das vezes, as brincadeiras consistiam em rir de alguém, zombar, ter alguma atitude oposta ao que era sério, ou ainda, fazer algo que comumente era tido como sério, grave, com sentido de divertimento. Na seção *Variedades* do *Correio Paulistano*, estava sendo publicado, dividido em partes, um conto no qual consta a seguinte passagem: “Este signatário o havia obrigado a passear pelas ruas da cidade em traje de réprobo, com a túnica preta e o chapéu amarelo; e isto com o fim de servir de divertimento aos marinheiros da frota espanhola.”<sup>24</sup>

Situação muito semelhante, aparece em um romance publicado na mesma seção *Variedades*, de outra edição do *Correio Paulistano*: “O acanhamento das suas maneiras, a inflexão tremida das suas poucas palavras, denunciariam uma inculta rapariga

---

<sup>20</sup> Correio Paulistano, 20 de julho de 1866, p. 2.

<sup>21</sup> Diário de São Paulo, 28 de julho de 1866, p. 1.

<sup>22</sup> Diário de São Paulo, 8 de dezembro de 1867, p. 1.

<sup>23</sup> Correio Paulistano, 8 de maio de 1867, p. 2.

<sup>24</sup> Correio Paulistano, 14 de junho de 1862, p. 2.

d'aldeia, a quem por passatempo aparamentaram de vestidos senhoris. Na grande roda seria fértil assunto de risos e gracejos.”<sup>25</sup>

As situações vexatórias pelas quais passaram o homem e a mulher dos episódios acima, eram tidas como engraçadas e divertidas. Divertidas para quem as assistia, obviamente. O sentido do divertir-se aqui, é o de zombar, de rir de uma situação cômica. Um paulistano serviu de divertimento na corte, devido ao seu modo de falar. Tratava ele de assunto sério, mas caçoaram de sua fala “quando queriam fazer diversão do sério e mover o riso.”<sup>26</sup>

Também se roubava ou perturbava a ordem por brincadeira, para se divertir. Atitude que era, quase sempre, recriminada, e por isso chamada de “divertimento de mal gosto”<sup>27</sup> ou “ridículo divertimento”<sup>28</sup>. Exemplo disso, foi a notícia publicada no *Correio Paulistano* de 16 de dezembro de 1865:

Roubo – Consta-nos que em uma destas noites foram roubadas duas torneiras de metal de duas pipas empregadas na venda d'água pela cidade.

Realmente é admirável que até as torneiras não escapem aos rapinadores, isto é, se tal desaparecimento não é fruto de algum divertimento de mau gosto. (p.2)

O roubo pode ter sido cometido, não pelo interesse, por parte daquele que roubou, no objeto roubado, no seu valor monetário ou utilidade. Mas, segundo o noticiário, pode ter sido cometido por divertimento, como uma brincadeira, uma forma de zombar e rir dos vendedores de água, que teriam dificuldades em negociar sua mercadoria sem as torneiras das pipas. Nessas brincadeiras, lá estavam eles, os estudantes, a perturbarem a cidade:

---

<sup>25</sup> *Correio Paulistano*, 8 de outubro de 1863, p. 3.

<sup>26</sup> *A Phenix*, 17 de junho de 1840, p. 4.

<sup>27</sup> *Correio Paulistano*, 16 de dezembro de 1865, p. 2.

<sup>28</sup> *Correio Paulistano*, 27 de abril de 1864, p. 3.

Consta-nos que alguns estudantes para gracejarem com certos colegas, postam-se em algumas esquinas à rua da Glória, parecendo pessoas suspeitas.

Não deixa de ser perigoso esse divertimento; além de tomar inutilmente o tempo à polícia, e patrulhas do respectivo quarteirão, pode acontecer que se tome em sério o que não passa de gracejo.

Consta-nos que por parte da autoridade policial deu-se as necessárias ordens para que, em um caso destes se tome conhecimento não na mesma noite, mas no outro dia, depois da participação do carcereiro.<sup>29</sup>

A brincadeira, segundo o noticiário, era entre os estudantes. Uns desejavam fazer piada com os outros, rir-se deles ao provocarem o susto de serem abordados a noite, em uma das esquinas mal iluminadas da cidade. A má qualidade da iluminação em São Paulo, assim como a do calçamento de suas ruas, foi tema da observação e de reclamações de muitos daqueles que viveram ou passaram pela cidade (BRUNO, 1954, pp. 538, 550; TOLEDO, 2003, p. 336, 337; ASSUNÇÃO, 2006; AZEVEDO, 1988; SAINT-HILAIRE, 1976).

Esse divertimento, no entanto, não agradou aqueles que não eram estudantes, e que o consideravam perigoso. O descontentamento foi tamanho, que a polícia decidiu deixar aquele que fosse pego a divertir-se desse modo, preso por pelo menos uma noite. A intervenção policial nesses casos, se dava com a justificativa de manter a tranquilidade dos paulistanos<sup>30</sup>.

Esses fatos endossam o que disse o viajante Augusto Zaluar, nessa mesma época, 1860-1861, quando de sua estada em São Paulo, e o que mais tarde foi dito por Antônio Cândido (2006) e Eurípedes de Paula (1954), sobre a estrutura dual existente na capital paulista nesses tempos. Havia tensões constantes entre os estudantes e o restante da comunidade paulistana (ZALUAR, 1863; CÂNDIDO, 2006; PAULA,

---

<sup>29</sup> Correio Paulistano, 5 de maio de 1862, p. 2.

<sup>30</sup> Correio Paulistano, 22 de maio de 1864, p. 1.



1954), que resultavam em frequentes choques com a polícia (CAPONERO, 2014, p. 346). Choques e tensões essas, reconhecidas pelo próprio governo, que para mediar a situação nomeou e manteve por muitos anos no cargo de delegado de polícia, um professor da Faculdade de Direito (CÂNDIDO, 2006, p. 156).

## **Bailes**

Os bailes foram daquelas atividades que tiveram presença marcante nos jornais paulistanos. Eles podiam ser mascarados ou não, populares ou das gentes pretensamente refinadas. O trecho a seguir, nos permite perceber como os paulistanos esperavam se divertir nos bailes:

### O Baile de fantasia no Hotel das Quatro Nações

Estivemos na noite de 6 do corrente no baile que deram os proprietários do Hotel do Comercio, na casa sita no largo do Palácio.

Pelo anuncio logo esperamos que o divertimento não mentisse as suas promessas, os proprietários do Hotel do Comercio são bastante conhecidos do público pela excelência do que vendem e pela delicadeza do que fazem.

Fomos; os salões não estavam com esse incomodo amontoado de gente, que não deixa ninguém dançar, nem ver nada; não havia também ali essa gritaria infernal que se encontra em tais lugares e que só serve para adoentar a quem foi divertir-se.

Gente em número bastante, alguns belos máscaras, uma sociedade delicada, música excelente, muito riso, bons ditos e um bem acabado serviço por parte dos proprietários do Hotel do Comercio, tal foi o baile do dia 6 no salão do Hotel das Quatro Nações.

Pertencemos ao número dos que querem divertir-se, por isso esperamos da amabilidade dos proprietários do Hotel do Comercio, outras noites de baile tão boas como foi a de sábado passado.<sup>31</sup>

O autor da matéria não se identifica, não assina nem mesmo com siglas, iniciais de seu nome ou pseudônimo. Mas trata-se de pessoa de hábitos refinados, tipo de gente

---

<sup>31</sup> Correio Paulistano, 9 de janeiro de 1866, p. 2.

que a São Paulo dos poderosos se esmerava em construir a essa altura. Gente sem nenhum apreço por tumulto e gritaria, e com gosto pelo belo, pela delicadeza. Ver e ser visto, dançar, rir, apreciar as belezas, era assim que os paulistanos refinados se divertiam nos bailes.

Os bailes populares, por outro lado, eram marcados por brigas, desentendimentos e conseqüente intervenção da polícia que, por vezes, acabava por suspendê-los<sup>32</sup>. É sabido que esses bailes aconteciam em São Paulo, em bairros como o da Penha, mas faltam maiores informações sobre eles.

Os estudantes da Faculdade de Direito eram não apenas frequentadores, mas também organizadores dos bailes em São Paulo (MORSE, 1970, pp. 121, 135, 136; COSTA, 2012, p. 72), eles foram responsáveis por dinamizar essa atividade na capital paulista:

Esta cidade presenciou a galhardia, que a mocidade acadêmica mostrou no baile que nos deu na noite de 11 de agosto último, e recentemente testemunhou outro dado pelos mesmos na de 7 de setembro atual, aniversário da nossa Independência.

Neste divertimento viram-se harmonizadas a elegância no vestido, a decoração da sala e a profusão no serviço do chá e da ceia, em ordem que nada faltou, cujo concurso desse mais graça à fisionomia daquele passatempo patriótico.

S. Ex. o Sr. presidente da província encetou o baile que foi muito concorrido. A concorrência resulta da delicadeza, da magnitude e da decência que em todos os tempos formaram o timbre que caracteriza os jovens de futuro e de esperanças.

Sentimos vivo prazer em transmitir aos leitores os encômios que ora endereçamos a esses mancebos, que um dia serão chamados para a direção do país, em que descerrarão os olhos.

Deploramos que a casa, em que se deu aquela função fosse tão acanhada em sua capacidade, que nos roubasse o melhor do prestígio que poder-nos-ia franquear outra que tivesse dimensões mais amplas.<sup>33</sup>

<sup>32</sup> Diário de S. Paulo, 12 de setembro de 1866, p. 2.

<sup>33</sup> A Aurora Paulistana, 13 de setembro de 1851, pp. 1, 2.

Nesse caso – diferente de quando faziam brincadeiras nas mal iluminadas ruas da cidade –, como atendiam aos padrões de civilidade e estavam de acordo com o que desejavam as elites paulistanas, os estudantes foram por elas elogiados e o divertimento organizado obteve o respeito e a participação, até mesmo do presidente da província.

O baile foi em homenagem a uma data nacional, o que já depunha a favor dos estudantes, pois demonstrava que eles se importavam com o que era sério, e que eram patriotas. Além de demonstrar também, que eles estavam de acordo com os anseios e interesses da coroa, pois contribuíram, através da realização do baile, para a atualização dos valores da realeza, visto que essa era a finalidade de se comemorar com divertimentos, datas como essa.

Além de tudo isso, o baile organizado pelos estudantes foi elegante e refinado em tudo, nas vestimentas, na decoração e nos comportamentos. Esses estudantes sim, eram dignos de se tornarem os futuros governantes do país. Pois apesar de ter sido com essa finalidade que os cursos jurídicos haviam sido instituídos no país (AZEVEDO, 2000, p. 27; MOTA, 2004, p. 11; BOMTEMPI JÚNIOR, 2004, p. 507), para os paulistanos nem todos os seus estudantes estavam a altura de tal missão.

Não apenas o governo e os estudantes promoviam bailes na capital. Houve uma instituição que deles se ocupou exclusivamente, promovia bailes mensais, tão elegantes e refinados quanto os organizados pelos estudantes. Tratava-se da primeira agremiação recreativa de São Paulo, a *Concórdia Paulistana*, que funcionou entre 1837 e 1863.

Além da mensalidade, tinha-se que se pagar 6\$400 de joia para ser sócio<sup>34</sup>, um indicador do perfil dos envolvidos<sup>35</sup>.

Nesse caso, não era necessário haver um motivo, uma data nacional por exemplo, para que se desse um baile. O motivo era simplesmente o fato de os paulistanos daquela época gostarem de se divertir dançando, conversando, comendo, bebendo, enfim, festejando. Esse gosto era tamanho, que fez com que a *Concórdia Paulistana* tivesse uma duração considerada recorde pelos próprios paulistanos daquele tempo.

O romance *Alberto*, publicado no folhetim do *Correio Paulistano*, em seu capítulo primeiro, denominado *O Baile da Concórdia*, analisa um dos bailes de tal sociedade:

Corria o mês de outubro de 18... e a Concórdia Paulistana – única sociedade de baile, que em S. Paulo tem podido zombar do tempo – celebrava a sua partida mensal. Modesta, e muito bem dirigida, essa boa sociedade oferece uma vez em todos os meses, um agradável passatempo aos filhos do seu seio, bem como àqueles a quem em suas sábias determinações lhes apraz convidar.

Mas desta vez, esse agradável passatempo, tinha alguma coisa acima do comum: excessivamente concorrida, e além disso abrilhantada pela presença de novas pessoas, a Concórdia prometia uma noite de completo prazer, e de embriagante alegria. (...) Havia-se dançado a primeira quadrilha; e agora que a mocidade calorosa trançava as salas em busca de seus pares para a segunda...

[...] Vamos agora a outra parte do pavimento.

Aí reina a confusão: uns passeiam, outros jogam, este discute política, aquele fala da atualidade, enfim seria um nunca acabar se quiséssemos contar ao miúdo tudo o que se faz nessas três salas que formam a segunda parte do edifício.<sup>36</sup>

---

<sup>34</sup> Correio Paulistano, 24 set. 1859, p. 1.

<sup>35</sup> A título de comparação, 1 arroba de açúcar era vendida a 3\$200, enquanto 1 arroba de café custava 3\$000 (A Phenix, 8 mai. 1839, p. 4). Portanto, não era um valor pequeno o cobrado como joia para associação na Concórdia.

<sup>36</sup> Correio Paulistano, 13 de outubro de 1858, p. 1.

Firme em seu propósito, a duradoura *Concórdia Paulistana*, que a essa altura já possuía mais de vinte anos de existência, proporcionava prazer e alegria aos paulistanos com seus bailes. Eram essas, portanto, características dos bailes. Eles divertiam justamente porque provocavam alegria e prazer, com suas músicas, danças, conversas, encontros. Ao mesmo tempo em que eram importantes para o desenvolvimento da civilidade entre os paulistanos (CAMPOS, 2004, p. 285).

### **Teatro**

Presente na cidade desde sua fundação, com as encenações religiosas dos franciscanos, e tendo instalações próprias desde 1765, o teatro foi o divertimento mais caro para os paulistanos. As falas, os argumentos em torno dessa prática de divertimento eram sempre positivos, sempre em seu favor. Ele era tido como o melhor divertimento, o único digno de assim ser considerado, pois era adequado à cidade civilizada que São Paulo almejava ser.

Por esse motivo, a frequência ao teatro era fortemente incentivada a todos, homens, mulheres, jovens e adultos. Atenção especial era dedicada às camadas populares, já que além de divertir o teatro educava, ensinava os melhores hábitos e comportamentos. No entanto, a constante falta de público nas plateias paulistanas evidencia que essa compreensão, de que ele era o melhor divertimento, não era compartilhada por todos. Os preços dos ingressos não era o impedimento, já que havia um valor único para os ingressos de todas as atividades culturais na capital durante o século XIX<sup>37</sup>, e vários outros divertimentos, como as touradas e a patinação, estavam sempre cheios.

---

<sup>37</sup> Quando havia diferenciação de lugares, como nas touradas (SANTOS; MELO, 2014) e na patinação (MELO, SANTOS, 2017), os ingressos mais caros custavam 2\$000, e os mais baratos custavam sempre 1\$000.

Em 1863<sup>38</sup> e depois, em 1866<sup>39</sup> e 1867<sup>40</sup>, quando a cidade já possuía vida com destacada dinâmica, e um mercado de divertimentos em gestação, esse discurso positivo em torno do teatro ainda persistia e o argumento de que ele era o *único divertimento* da capital ainda era usado pelos jornais. Temos algumas opções quanto à forma de compreender essa afirmação. Desespero, visão limitada da vida cultural paulistana pelos próprios paulistanos daquele tempo ou, ainda, estratégia para conseguir apoio.

A última opção é a que possui sustentação empírica. Apresentar um quadro de suposta decadência de um divertimento, esperando receber apoio para restabelecê-lo, pode ser mais eficiente se ele for a única opção, se o seu fim significar o fim de tudo, de toda e qualquer possibilidade de diversão.

Portanto, o prestígio gozado pelo teatro não era suficiente para fazer com que suas plateias estivessem sempre cheias. Então, lá iam os seus defensores pedir socorro, convidar a todos que comparecessem, para que não tivesse fim o *único divertimento* da capital. Mais honestos, no entanto, eram aqueles que pediam ajuda dizendo não que o teatro era o único divertimento da cidade, mas sim o *único utilíssimo divertimento* com o qual podiam contar os paulistanos.

Havia outros divertimentos na capital paulista, entretanto, nenhum deles se igualava em utilidade ao teatro:

Reorganizou-se a companhia dramática e vamos ter noites agradáveis.

Uma companhia dramática é, especialmente nos lugares civilizados, uma necessidade.

E se algum divertimento, se alguma empresa merece a proteção do governo e do público, sem dúvida nenhuma – estas companhias tem todo o jus a esta proteção. O teatro, quanto a nós, não é só uma escola de moralidade, um elemento de progresso e civilização, é também um

---

<sup>38</sup> Correio Paulistano, 13 de agosto de 1863, p. 2.

<sup>39</sup> Correio Paulistano, 30 de dezembro de 1866, p. 2; Diário de São Paulo, 27 de maio de 1866, p. 2.

<sup>40</sup> Correio Paulistano, 7 de julho de 1867, p. 2.

refúgio onde acham sempre distração os habitantes das populações, onde há esses divertimentos, e um paradeiro a muitas faltas que se cometem e vícios que se adquirem por falta deles.

Quando o teatro, conserva fechadas as suas portas, ide ver o que faz uma grande parte da população (a masculina) jogam o lasquet, o pacão, o voltarete, e o vispera.<sup>41</sup>

Desde 1765 a cidade possuía uma casa destinada a receber apresentações teatrais. E entre 1828 e 1867 a cidade possuiu quatro teatros, nem sempre de modo simultâneo: a Casa da Ópera, chamada de Teatro São Paulo a partir de 1840, que ficava no pátio do colégio e funcionou entre 1770 e 1870; o Teatro do Palácio que funcionou entre 1813 e 1860 no porão do Palácio do Governo, e que em 1832 passou a se chamar Teatro Harmonia Paulistana; o Teatro Batuira que teve menor período de funcionamento, entre 1860 e 1870 e localizava-se na Rua da Cruz Preta, antiga rua do Príncipe, e o Teatro São José (1858-1898) que ficava no Pátio São Gonçalo (SILVA, 2008).

Todos esses teatros ficavam dentro dos limites do triângulo, da chamada colina histórica, onde a cidade teve origem<sup>42</sup>. Essa ainda era, mesmo no início da segunda metade do Oitocentos, a parte propriamente urbanizada da cidade, o que é um indicativo dos níveis do seu desenvolvimento.

O Teatro São José foi a maior obra, a maior construção de São Paulo no século XIX, até a construção das ferrovias. Mas ele era pouco espaçoso, com acústica e acomodações dos artistas ruins, e o espaço da plateia era de chão batido, tendo seus

---

<sup>41</sup> Correio Paulistano, 31 de agosto de 1862, p. 1.

<sup>42</sup> Triângulo era o espaço, uma elevação de terra, limitado pelos rios Tamanduateí e Anhangabaú e pela Várzea Grande, que ficava 25 a 30 metros acima dos terrenos que estavam a sua volta. Foi aí que teve início a cidade, com a chegada dos jesuítas, foi onde eles se instalaram, e onde se concentrou por muito tempo sua população urbana, as instituições públicas e o comércio. Foi somente a partir de 1870 que esses limites foram decisivamente expandidos pelo crescimento da cidade urbanizada.

espectadores que levar cadeiras de casa, durante os primeiros tempos de seu funcionamento (SILVA, 2008, p. 37).

É que o São José foi inaugurado antes de ficar completamente pronto, o que só aconteceu em 1877, depois que Antônio da Silva Prado – futuro prefeito da cidade – firmou acordo com o governo da província para terminar a obra e, assim, obter o direito de explorar o teatro (COSTA, 2012, p. 67). Portanto, era bem modesta a maior construção da cidade, o que dizer, então, das menores construções que a cidade possuía?

Os estudantes foram, além de público assíduo, autores e atores das peças, fazendo até mesmo papel de mulheres (COSTA, 2012, p. 67; SILVA, 2009, p. 25; SILVA, 2008, p. 30; AZEVEDO, 2000, p. 40). Tanto que os espetáculos eram realizados sempre as vésperas dos dias em que não havia aula, para não atrapalhar os estudos (SILVA, 2009, p. 29; SILVA, 2008, p. 30). Tal medida, no entanto, parece não ter sido suficiente, pois com o mesmo objetivo, em 1830, o governo proibiu o teatro durante o ano acadêmico, o que, obviamente, não foi obedecido pelos estudantes (MORSE, 1970, p. 141).

E pensar que um dos motivos, um dos argumentos usados pelos deputados paulistas para que a Faculdade de Direito fosse instalada em São Paulo – quando da decisão de onde deveriam ser instalados os primeiros cursos jurídicos do Brasil –, foi o de que o ambiente da cidade “carecia de maior vivacidade e distrações, por isso mesmo era mais propício aos estudos” do que a Bahia, por exemplo, que “é a segunda Babilônia do Brasil, as distrações são infinitas e também os caminhos da corrupção. É uma cloaca de vícios.” (TOLEDO, 2003, p. 312). Não contavam os senhores deputados, que os estudantes mesmos iriam produzir divertimentos e tornar a cidade mais dinâmica.



Além dos estudantes, que compunham a maior parte da plateia do teatro paulistano, o governador da província, famílias, padres, crianças e prostitutas também compunham seu público. Apesar do incentivo constante, presente nos jornais, à presença dos pobres no teatro, as exigências quanto às vestimentas para tal, os impedia de comparecer (SILVA, 2009, p. 27). Quando eles superavam tais impedimentos, eram alvo do olhar escrutinador das elites, que julgavam e recriminavam seus modos de vestir e de se comportar.

Em 1829 os estudantes formaram a companhia *Teatro Acadêmico* e arrendaram o *Teatro da Ópera* por cinco anos, e em 1832 fundaram o *Teatro Harmonia Paulistana*, que era o antigo *Teatro do Palácio* (SILVA, 2008, p. 25; MORSE, 1970, p. 140). Em meados do século, eles dominavam o teatro na cidade, que teve como seu maior nome Álvares de Azevedo.

Em sua peça teatral *Macário*, ele explicita sua visão da capital paulista, através da fala da personagem Satã, que diz a Macário, seu interlocutor: “Daqui a cinco minutos podemos estar à vista da cidade. Há de vê-la desenhando no céu suas torres escuras e seus casebres tão pretos de noite como de dia, iluminada, mas sombria como uma eça de enterro.” (AZEVEDO, 1988, online).

Adiante, Satã prossegue descrevendo São Paulo: “Demais, essa terra é devassa como uma cidade, insípida como uma vila, e pobre como uma aldeia. Se não estás reduzido a dar-te ao pagode, a suicidar-te de **spleen**<sup>43</sup>, ou alumiar-te o rolo, não entres lá. É a monotonia do tédio. Até as calçadas!” (AZEVEDO, 1988, online, grifo no original).

---

<sup>43</sup>*Spleen* foi termo difundido por Charles Baudelaire, e significa um estado de desencanto e melancolia, que resulta em apatia e indiferença e pode levar à transgressão e perversão. Caracteriza o ser romântico (ANFORA, p. 13-15), 2012.

A década de 1860 é tida como marcante para a vida da Academia, devido à sua efervescência cultural, pois proliferaram as associações literárias e demais agremiações (COSTA, 2012, p. 55). Em 1860, os estudantes fundaram o *Instituto Dramático*, que objetivava desenvolver a educação teatral entre os estudantes, e a *Revista Dramática*, que foi a primeira revista do gênero surgida na capital (SILVA, 2008, p. 30).

A medida tomada pelo governo nesse mesmo ano, de proibir que os estudantes representassem no teatro oficial, com o argumento de que era para manter a boa ordem no meio teatral (SILVA, 2008, pp. 29, 30), denuncia o papel preponderante dos estudantes e a intensidade de sua atuação no teatro paulistano. Evidencia também, que a vivacidade cultural não era a marca desejada pelo governo para a Academia. Tal vida cultural, extrapolava as atividades acadêmicas formais, e ainda podia, na visão do governo, atrapalhá-las.

As proibições governamentais, portanto, demonstram certa compreensão da formação universitária, restrita às atividades formais da Academia, bem como o intuito de manter a ordem acadêmica. Nesse sentido nos diz Marina Costa (2012, p. 59): “Com relação à diversão dos estudantes, percebe-se um esforço contínuo dos professores e diretores no sentido de cerceá-las, tanto que os mesmos não podiam sair de casa a não ser nos dias previamente estabelecidos.”

## **Conclusão**

A São Paulo que foi a mim apresentada, por certa historiografia, como sem vida, feia, pacata e sem divertimentos, foi ao longo desse trabalho sendo reconstruída com o auxílio de outra bibliografia, menos clássica, menos usada, mas fundamental e, principalmente, com o auxílio dos documentos.

Percebi que os movimentos da capital paulista, mesmo aqueles que nos parecem insignificantes, como a chegada dos primeiros poucos estudantes à cidade, repercutiam sobre os divertimentos. A cultura local foi contraposta a outro modo de ser, mais animado. Novos estabelecimentos e atividades foram criados ou dinamizados para atender as demandas geradas pelos estudantes. Eles mesmos se ocuparam em dinamizar a cidade, criando jornais, sociedades dramáticas, produzindo literatura e dramaturgia, organizando bailes, realizando passeios, brincando pelas ruas da capital paulista.

Muitos eram os divertimentos vividos pelos paulistanos nesse período, a leitura, os jogos e brincadeiras, os bailes e o teatro se destacam por sua forte presença nas fontes. Todos esses divertimentos contaram com a participação decisiva dos acadêmicos, tanto como organizadores e produtores quanto como consumidores e público. De fato, eles animaram a vida da capital paulista, contribuindo para a sua dinamização.

## REFERÊNCIAS

ANFORA, Adriana Ingrid. **Grotesco e ironia em Macário de Álvares de Azevedo: transgressão, spleen e utopia**. Dissertação (Mestrado em Literatura e Crítica Literária). São Paulo: Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 2012.

ARAÚJO, Maria Lucília Viveiros. **Os caminhos da riqueza dos paulistanos na primeira metade do oitocentos**. São Paulo: Hucitec/ Fapesp, 2006.

\_\_\_\_\_. Circulação de livros em São Paulo (1800-1860). In: ENCONTRO REGIONAL DE HISTÓRIA: poder, violência e exclusão, ANPUH, 19, São Paulo, 2008. **Anais...** São Paulo: USP, 2008.

ARAÚJO, Vicente de Paula. **Salões, circos e cinemas de São Paulo**. São Paulo: Perspectiva, 1981.

ASSUNÇÃO, Paulo de. A cidade de São Paulo no século XIX: ruas e pontes em transformação. **Histórica**: Revista Online do Arquivo Público do Estado de São Paulo, São Paulo, n. 10, ano 02, maio 2006.

AZEVEDO, Álvares de. **Macário**. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1988.

AZEVEDO, Vicente de. **Cartas de Álvares de Azevedo**. São Paulo: Academia Paulista de Letras, 1976.

AZEVEDO, Elizabeth. **Um palco sob as arcadas: o teatro dos estudantes de direito do Largo de São Francisco, em São Paulo, no século XIX**. São Paulo: Annablume; Fapesp, 2000.

BONTEMPI JÚNIOR, Bruno. Do vazio à forma escolar moderna: a história da educação como um fardo na cidade de São Paulo. In: PORTA, Paula. **História da cidade de São Paulo: a cidade no Império (1823-1889)**. São Paulo: Paz e Terra, 2004.

BRUNO, Ernani Silva. **História e tradições da cidade de São Paulo: burgo de estudantes (1828-1872)**. Rio de Janeiro: José Olímpio, 1954.

CAMPOS, Alzira Lobo de Arruda. Vida cotidiana e lazer em São Paulo oitocentista. In: PORTA, Paula. **História da cidade de São Paulo: a cidade no Império (1823-1889)**. São Paulo: Paz e Terra, 2004.

CÂNDIDO, Antônio. **Literatura e Sociedade**. Rio de Janeiro: Ouro Sobre Azul, 2006.

CAPONERO, Maria Cristina. **Festas paulistanas em perspectiva histórica de longa duração: produção e apropriação social do espaço urbano, permanências e rupturas (1711-1935)**. 2014. 532f. Tese (Doutorado em História e Fundamentos da Arquitetura e Urbanismo) Universidade de São Paulo, 2014.

COSTA, Marina Santos. **Práticas de diversão dos estudantes da Academia Jurídica no processo de urbanização de São Paulo (1867-1878)**. 2012. 126f. Dissertação (Mestrado em Educação) Universidade Federal de São João del-Rei, 2012.

CRUZ, Heloísa de Faria. A imprensa paulistana: do primeiro jornal aos anos 50. In: PORTA, Paula. **História da cidade de São Paulo: a cidade no Império (1823-1889)**. São Paulo: Paz e Terra, 2004.

DIAS, Maria Odila Leite da Silva. **Quotidiano e poder em São Paulo no século XIX**. São Paulo: Brasiliense, 1995.

ELLIS, Myriam. Documentos sobre a primeira biblioteca pública oficial de São Paulo. **Revista de História**, São Paulo, n. 30, 1957.

LARA, Silvia Hunold. Processos crimes: o universo das relações pessoais. In: **Anais do Museu Paulista**. São Paulo, v. 33, 1984.

MARCÍLIO, Maria Luiza. **A cidade de São Paulo, povoamento e população (1750-1850)**. São Paulo: Pioneira: USP, 1974.

MAWE, John. **Viagens ao interior do Brasil**. Prefácio de Mário Guimarães Ferri. Introdução e notas de Clado Ribeiro Lessa. Tradução de Selena Benevides Viana. Belo Horizonte: Editora Itatiaia; São Paulo: Ed. Universidade de São Paulo, 1978.

MELLO, Zélia Maria Cardoso de. **Metamorfoses da riqueza**: São Paulo, 1845-1895. São Paulo: Hucitec, 1990.

MELO, Victor Andrade de; SANTOS, Flávia da Cruz. Deslizando rumo ao progresso: a patinação em São Paulo (1877-1912). **Movimento (ESEF/UFRGS)**, Porto Alegre, v. 23, n. 1, p. 171-184, 2017.

MELO, Victor Andrade de. **Esporte e lazer**: conceitos – uma introdução histórica. Rio de Janeiro: Apicuri/Faperj, 2010.

MORSE, Richard. **Formação histórica de São Paulo**: de comunidade à metrópole. São Paulo: Difel, 1970.

MOTA, Carlos Guilherme. São Paulo no século XIX (1822-1899): esboço de interpretação. **Cadernos de Pós-graduação em Arquitetura e Urbanismo**, São Paulo, v. 4, n. 1, 2004.

OLIVEIRA, Carlos Eduardo França de. Informação e política nos primórdios da imprensa paulista: O Farol Paulistano (1827-1831). **História**, Franca, v. 29, n. 2, p. 295-319, 2010.

PAULA, Eurípedes Simões de. A segunda fundação de São Paulo: da pequena cidade à grande metrópole de hoje. **Revista de História**, Brasil, v. 8, n. 17, p. 167-179, mar. 1954. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/revhistoria/article/view/36096/38817>. Acesso em: 10 out. 2016.

PINA, Patrícia Kátia da Costa. O jornal e a leitura no oitocentos brasileiro. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO, 27, Porto Alegre, 2004. **Anais...** Porto Alegre: PUC do Rio Grande do Sul, 2004.

RUGENDAS, João Maurício. **Viagem pitoresca através do Brasil**. São Paulo: Martins; Editora da USP, 1972.

SAINT-HILAIRE, Auguste. **Viagem à província de São Paulo**. Belo Horizonte: Itatiaia; São Paulo: Ed. da USP, 1976.

SANTOS, Flávia da Cruz. Uma capital que se queria civilizada: os divertimentos paulistanos entre 1828 e 1867. In: SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA: lugares dos historiadores: velhos e novos desafios, ANPUH, 28, Florianópolis, 2015. **Anais...** Florianópolis, 2015.

\_\_\_\_\_; MELO, Victor Andrade de. Entre o rural e o urbano: as touradas na São Paulo do século XIX (1877-1889). **Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro**, Rio de Janeiro, v. 174, n. 463, p. 39-70, 2014.

SILVA, Edson Santos. **A dramaturgia portuguesa nos palcos paulistanos**: 1864 a 1898. 2008. 304f. Tese (Doutorado em Literatura Portuguesa) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, São Paulo, 2008.

\_\_\_\_\_. Em busca de um mercado fictício: as casas da ópera na cidade de São Paulo. **Todas as musas**, São Paulo, Ano 1, n. 1, julho-dez. 2009.

TOLEDO, Roberto Pompeu de. **A capital da solidão**: uma história de São Paulo das origens a 1900. Rio de Janeiro: Objetiva, 2003.

YOKAICHIYA, Cristina Emy. Nas entrelinhas dos relatos históricos: reflexos da Faculdade de Direito do Largo de São Francisco no processo pela libertação dos escravos em São Paulo. **Revista da Faculdade de Direito da Universidade de São Paulo**, São Paulo, v. 103, p. 689- 708, 2008.

ZALUAR, Augusto-Emílio. **Peregrinação pela província de São Paulo (1860-1861)**. Rio de Janeiro: Livraria de B. L. Garnier, 1863.

**Endereço da Autora:**

Flávia da Cruz Santos  
Rua José Lourenço Kelmer, s/n  
Juiz de Fora – MG – 36.036-900  
Endereço Eletrônico: flacruz.santos@gmail.com